

Missa da Ceia do Senhor – 05 de abril de 2012

Servir, a única autoridade

1. Serviço humilde

A narração da última ceia ligada ao lava-pés encontra-se apenas no evangelho de João. Todavia, o contexto da última ceia e o sublinhar do exemplo de humildade e de amor serviçal dado por Jesus reenvia-nos ao evangelho de Lucas e à exortação do próprio Jesus acerca do poder e do serviço: «²⁴Levantou-se entre eles uma discussão sobre qual deles devia ser considerado o maior. ²⁵Jesus disse-lhes: «Os reis das nações imperam sobre elas e os que nelas exercem a autoridade são chamados benfeitores. ²⁶Convosco, não deve ser assim; o que fôr maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve. ²⁷Pois, quem é maior: o que está sentado à mesa, ou o que serve? Não é o que está sentado à mesa? Ora, Eu estou no meio de vós como aquele que serve»¹.

João atribui expressamente ao lava-pés realizado por Jesus o significado da humildade a imitar pelos discípulos² (cf. vv 12 e 13). Mas o fundamento de tudo é o amor: «Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo» e ainda mais claramente a seguir Jesus deixa o mandamento novo: «é este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei»³.

Jesus é mestre no servir e interpela-nos a fazer o mesmo.

Bento XVI, ao comentar este texto, escreve: «com a última ceia, chegou a “hora” de Jesus, para a qual se orientava a sua actividade desde o princípio (cf. Jo 2,4). O essencial desta hora é delineado por João com duas palavras fundamentais: é a “hora da passagem” (metabainein –

¹ Lc 22, 24-27.

² Cf. P.F. BEATRICE, *La lavanda dei piedi. Contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, Edizioni Liturgiche, Roma 1983, 11.

³ Jo 15, 12.

metábasis); é a hora do amor (agápe) “até ao fim”» e acrescenta: «a “hora” de Jesus é a hora da grande “passagem para mais além”, da transformação, e esta metaformose do ser realiza-se através da agápe. É uma agápe “até ao fim” – expressão esta com que João, neste ponto, remete de antemão para a última palavra do Crucificado: “Tudo está consumado – tetélestai (Jo 19,30). Este fim (télos), esta totalidade da doação, da metamorfose de todo o ser é precisamente o dar-se a si mesmo até à morte»⁴. O lava-pés não é, com efeito, «um sacramento particular, mas significa a totalidade do serviço salvífico de Jesus: o *sacramentum* do seu amor, no qual Ele nos imerge na fé e que é o verdadeiro lavacro de purificação do homem»⁵.

2. Deus ajoelha-se aos homens. Deus ajoelha-se aos nossos pés. Diante de tamanho amor, às vezes, como Pedro, defendemo-nos do amor que Deus nos tem. Jesus educa-nos ao receber, porque o amor começa pelo receber. Efetivamente, não damos nada, que primeiro não tenhamos já recebido. Mesmo reconhecendo-nos frágeis, amemos. A fragilidade não é um obstáculo, a fragilidade é o caminho.

O Ir. Marista Henri Vergès, assassinado com a Ir. Paul-Hélène em Argel em 1994, escreveu: «*ser transparência ao Evangelho, transparência do Evangelho. Ser um grão escondido na terra dos homens, onde possa manifestar-se o fermento do Evangelho. Deixar-me transformar cada dia um pouco mais pala Palavra viva do Evangelho: não deixar que o seu gume enfraqueça na rotina, na distração e na instalação do conforto. Que ela possa, sem cessar, fazer surgir em mim o homem novo. Ser sempre mais palavra do Evangelho*»⁶. A mesma profundidade de entrega e confiança é dada pela Ir. Esther, Missionária Agostiniana, assassinada com a Ir. Caridad a caminho da Eucaristia: «*ninguém pode tirar-nos a vida,*

⁴ J. RATZINGER-BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, vol. 2, Principia, Lisboa 2011, 54-55.

⁵ J. RATZINGER-BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, vol. 2, Principia, Lisboa 2011, 68.

⁶ Ir. Henri Vergès (1930-1994).

porque já a entregamos. Nada nos pode acontecer, visto estarmos nas mãos de Deus. E se alguma coisa nos acontecer, estamos ainda nas mãos de Deus»⁷.

S. Paulo ousa dizer: «se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar!»⁸. A Bíblia é um livro de esperança e lê-lo, anunciá-lo e testemunhá-lo «dá como resultado a esperança»⁹.

3. Na abertura da celebração anual do Tríduo pascal, justamente na Missa da ceia do Senhor «*faz-se, portanto, memória: da instituição da Eucaristia, memorial da Páscoa do Senhor, na qual se perpetua no meio de nós, através dos sinais sacramentais, o sacrifício da nova lei; da instituição do sacerdócio, pelo qual se perpetua no mundo a missão e o sacrifício de Cristo; e também da caridade com que o Senhor nos amou até à morte. Tudo isto procure o Bispo propô-lo de forma adequada aos fiéis mediante o ministério da palavra, para que eles possam penetrar mais profunda e piedosamente em tão sublimes mistérios e vivê-los mais intensamente na prática da sua vida*»¹⁰.

«Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também»¹¹.

«Quem é posto à frente do povo deve ser o primeiro a dar-se conta de que é servo de todos. E não desdenhe de o ser, repito, não desdenhe de ser servo de todos, pois não desdenhou de se tornar nosso servo aquele que é o Senhor dos senhores»¹². Paulo VI testemunhou: *«pode-se exercer um encargo de alto grau por habilidade, por autoridade, ou por humildade,*

⁷ Ir. Esther Paniagua Alonso (1949-1994).

⁸ 1 Cor 9, 16.

⁹ CHRISTIAN DE CHERGÉ E ALTRI MONACI DI TIBHIRINE, *Più forti dell'odio*, Edizioni Qiqajon, Comunità di Bose, 2010, 173.

¹⁰ Cerimonial dos Bispos 297.

¹¹ Jo 13, 15.

¹² S. AGOSTINHO, Sermo 32.

fazendo discretamente o dever, o melhor que se pode, sem ter conta dos resultados e confiando em Deus. Eu escolho este caminho»¹³.

«Nossa vida é rápida e breve, mas Deus, imutável e eterno: por isso sempre há instantes quando as coisas não parecem se conciliar, e não devemos mesmo saber como se conciliam: porém, só nos mantermos ali de coração aberto ao mistério, a fim de que a magnitude tenha espaço na pequenez: na intensidade de nossa existência possa se poetizar um instante perpétuo, convergindo com a infinda eternidade divina»¹⁴.

A escola do serviço não conhece férias, é uma entrega total, nupcial com a Igreja esposa de Cristo, da qual Ele é cabeça, pastor, esposo e servo.

+ José Cordeiro

¹³ PAULO VI, 1965.

¹⁴ R. RILKE, *Cartas natalinas à mãe*, Editora Globo, S. Paulo 2007, 54.